

## A poesia de água e de sonho

“É apenas o rio, o rio, o rio”. Esse verso é emblemático de todo o livro de Maria Lúcia Felix Bufáical, *Rio do sonho*, efetivamente feito de rio e de sonho, de água e de memória, de tempo, de fluidez, de lembranças líquidas e íntimas. Os poemas que compõem o livro têm no rio a sua matéria poética: as águas que correm no leito desse rio da imaginação poética são mansas e profundas; são doces e fluidas, feitas de alegria, dor, saudade, lembranças e sonhos.

O rio Araguaia, rio dos goianos, é o motivo redundante responsável pela construção do discurso simbólico de fuga e retorno, de aventura e repouso, de lembranças do passado, fragmentos de memória e sensações. Como configuração simbólica de nossa origem, o rio Araguaia é imagem presente no poema de abertura, “o Araguaia, o Araguaia/ chama por mim”, que se prolonga em “Araguaia, Araguaia,/ antiga é tua memória”, poema III de “O rio do sonho”, parte que dá título ao livro.

O rio, especialmente o Araguaia, está fortemente ligado ao imaginário dos habitantes de Goiás, constituindo parte significativa da construção simbólica de nossa identidade: o nosso destino está marcado pela hidrografia. No poema XI, que encerra a primeira parte do livro, o rio Araguaia cumpre o trajeto antropológico de mito de origem a uma simbologia profunda e pessoal: “Sendo o que me basta:/ este Araguaia interior,/ este recanto”. A poetisa vai ao encontro do rio-símbolo que vive dentro de nós, no nosso imaginário, nos nossos desejos e sonhos.

Para Bachelard, o filósofo da imaginação da matéria, a água doce é a verdadeira água mítica. A intuição sonhadora reserva um privilégio à água doce, que refresca, lava, mata a sede, molha a terra. Mesmo que a água do mar anime diversas mitologias, nenhuma destas pode ser considerada mitologia primitiva, porque o sal impede um dos devaneios mais naturais que existe, o devaneio da doçura. Além disso, as viagens distantes, as aventuras marinhas são sempre da ordem da narração, o herói dos mares sempre volta de longe e nunca fala da costa. No dizer do poeta T.S. Eliot, “the river is within us, the sea is all about us”.

O rio que está dentro de nós é matéria de puro devaneio, como já alude o título *Rio do sonho*: “sonho um silêncio dentro/ que me navega”, poema XI da primeira parte. O eu-lírico, sonhando perto do rio, consagra sua imaginação à água: “Na margem deste rio seremos filhos do espaço/ e da água, [...] não nos olharemos com os olhos do corpo [...] Água do rio,/ abriremos as portas da alma para que nos inundes”, poema VIII, de “Revisitação”. É assim que nos poemas de Maria Lúcia, sob a superfície da água, vão aparecendo imagens cada vez mais profundas, mais íntimas.

Como mostra Bachelard, a profundidade da água é um tipo de destino essencial, que metamorfoseia constantemente a substância do ser. A certeza heraclitiana de que não nos banhamos duas vezes na mesma água do rio traça para o ser humano o mesmo destino da água que corre, matéria poética do belo poema IX, de “Revisitação”: “branca e dura, amiga e misteriosa/ abissal [...] água do rio, forte, bravia, veloz/ nunca a mesma [...] Por mais que saibamos de ti/ será sempre um segredo”.

Em torno do campo semântico de rio e água, símbolos predominantes nos poemas, gravitam substantivos como peixe, sereia, margem, correnteza, praia, areia, barco, pântano, remanso, porto; verbos como mergulhar, pescar, garimpar, navegar, lavar, refrescar. Há belas metáforas como “meu peito-aquário”, “rio – eterno porto”, novas referências criadas pelo recurso do hífen e do travessão que desejam alcançar a experiência do sentido vivido. Vale destacar a metáfora do rio como cavalo em “O rio, cavalo feroz,” poema II de “Rio do sonho”, que tem eco em “rio/cavaleiro sombrio”, poema II de “Revisitação”, cabendo lembrar que o cavalo é um símbolo recorrente da face terrível da morte. Além disso, o devaneio hídrico inclui também a água do céu, a chuva contida na nuvem. Daí a presença de imagens que comparam os peixes aos pássaros. Tudo converge para uma constelação simbólica coerente que dá unidade ao livro e faz os poemas vibrarem numa mesma atmosfera lírica.

Os poemas de Maria Lúcia trazem os sinais de uma voz lírica que nos fala com doçura e intensidade, buscando a expressão da consciência reflexiva de uma emoção. Os poemas revelam uma forma encontrada em lampejos de inspiração, uma criação poética que deriva do sentimento e de sua difusão; a substância das imagens, como rio que escorre, encontra sua forma poética. Nas três partes em que os poemas são agrupados, a leitura revela uma experiência vivida, uma reflexão suscitada pelo rio-símbolo e uma confiança íntima e profunda. A experiência do rio metaforiza-se numa poesia feita de

lembranças, de retalhos do passado; o devaneio diante do rio leva à reflexão sobre a vida e a morte; e a confiança revela a dor diante da morte, do destino inexorável do ser que, corre como a água do rio, sem volta.

Os quatro poemas que compõem “A casa do céu” expressam de modo claro a dor da perda do ser amado, cuja falta é poetizada em poemas anteriores, mas não de modo tão pungente como nessa última parte do livro. Numa alusão ao jogo de amarelinha, o céu, o qual se atinge depois de saltar cada lance recolhendo as pedras do caminho traçado, surge como uma forma de superar o trágico, pelo via do lúdico, transformando o pesado em leve. Para a poetisa, diante da morte, só há a alternativa de inventar a vida, caminho oferecido pela poesia.

E a poesia, como qualidade ontológica, só pode ser atingida pela própria poesia. Assim, convido o leitor à leitura dos poemas e ao mergulho no ser mesmo dessa poesia, feita de água e intimidade.

**Maria Zaira Turchi**